
Publicações LGBTQIA+ como segmento especializado de imprensa: reflexões a partir do projeto de extensão “Imprensa LGBTQ+; páginas de memória e resistência”¹

Lucas André BEZERRA²
Maria Eduarda Alexandre RODRIGUES³
Ricardo Augusto de Sabóia FEITOSA⁴
Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever nossas experiências na execução do projeto de extensão "Imprensa LGBTQ+: páginas de memória e resistência", realizado no período de abril de 2022 a abril de 2023, no Curso de Comunicação Social, na Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. O projeto tinha como objetivo principal a produção de conteúdo em páginas de rede social própria (instagram @imprensalgbtq) voltadas à preservação e atualização da memória da 'Imprensa LGBTQIA+' no Brasil e no mundo, perfilando veículos que tiveram ou mantêm importante atuação neste segmento especializado de imprensa.

INTRODUÇÃO

As publicações LGBTQIA+ surgem, historicamente, como meios estratégicos de produção de notícias, debates e temáticas políticas, sociais e culturais relativos aos sujeitos e coletivos LGBTQIA+, no que tange à produção de suas subjetividades, sociabilidades, direitos e pautas legítimas de reconhecimento e legitimidade como grupo social das minorias. O projeto de extensão traz, por meio de perfis compostos de textos e imagens dessas publicações, a importância histórica de seus principais títulos, em contexto nacional e global. Também divulga páginas dispersas em arquivos diversos físicos e online, como relevante informação, tanto de conhecimento como de consulta ao público interessado, para uma

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – II05 Comunicação Multimídia, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE-Centro Acadêmico do Agreste, email: lucas.abezerra@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE-CAA, email: eduarda.alexandrerodrigues@ufpe.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFPE-CAA, email: ricardo.saboia@ufpe.br

compreensão do universo LGBTQIA+, suas demandas históricas, vivências e estratégias de visibilidade.

O segmento especializado da imprensa LGBTQIA+, nas palavras de Streitmatter (1995), não costuma ser mencionado nas histórias padrões sobre os meios de comunicação mainstream, e que, apenas no final do século XX, passou a ganhar, com algumas limitações e resistência, maior destaque na história das mídias alternativas. Não obstante, este segmento tem sido, ao longo das últimas décadas, porta-voz de anseios, demandas e reivindicações dos sujeitos LGBTQIA+, tendo importante papel na estruturação dessas comunidades, de suas subjetividades e relações de sociabilidade.

Péret (2010) lembra, por sua vez, que a 'imprensa feita por homossexuais' e voltada para eles é um acontecimento recente na sociedade brasileira e, ao analisar cada período - da década de 1960, com o surgimento dos primeiros jornais, ao início do século XXI, com a disseminação dos sites - é possível constatar que ela ainda está em construção (p. 7).

A imprensa LGBTQIA+, num plano mais abrangente, configura-se numa “tecnologia de gênero” (De Lauretis, 1987, p. 3), ou seja, é produtora, reprodutora e agenciadora crucial de sua construção e desconstrução das identidades, subjetividades e políticas sexuais e de gênero. Configura-se, assim, num campo estratégico para o entendimento das vidas LGBTQIA+s, analisadas e visibilizadas, aqui, por meio das páginas dos veículos retratados no projeto. Ainda podendo ser analisada pelo viés acadêmico, uma vez que a imprensa pautou e discutiu questões elaboradas na academia:

o segmento editorial conhecido por 'imprensa gay' no Brasil, por sua vez, há uma diversidade de trabalhos acadêmicos que abordam, sob variadas perspectivas teórico-metodológicas, como as homossexualidades, lesbianidades, bissexualidades e transexualidades e as políticas (privadas e públicas) a elas correlatas são representadas e pautadas jornalística e midiaticamente (Feitosa, 2018. p. 79)

Apesar da sua indiscutível contribuição, há no Brasil dificuldades para construir e manter um acervo institucional centralizado e de amplo acesso das diversas publicações produzidas ao longo das décadas, deixando a cargo dos próprios membros da comunidade. Uma das iniciativas mais conhecida no país é feita pelo *Acervo Bajubá*, atuando desde 2010 para a construção de um acervo brasileiro mas não apenas da imprensa, como também das

interseccionalidades relacionadas à vivência da comunicação na história do Brasil. O texto curatorial do projeto diz:

O seu objetivo é constituir um acervo voltado para a preservação, salvaguarda e investigação historiográfica da arte, memória e cultura LGBTQ+. Além de reunir uma coleção de itens que registram a diversidade sexual e a pluralidade de expressões e identidades de gênero no Brasil, o Bajubá colabora com exposições, capacitações e projetos de produção, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBTQ+.

Portanto, a preservação de sua memória, através da retomada de publicações e concentrá-las em uma página da internet, objetivo do projeto de extensão ‘Imprensa LGBTQ+’, se faz relevante para que novas e antigas gerações conheçam e acessem, de qualquer lugar, esta história, a fim de como anteriormente dito, construam suas subjetividades e tomem conhecimento sobre suas próprias histórias. “É possível dizer que a memória coletiva, criará um elo de vários pensamentos, os quais retém parte do passado e se mantém viva nos grupos, garantindo o sentimento de identidade dos indivíduos” (Deglinomini, 2014, p. 9).

Para além dos pontos já citados, o projeto de extensão dialogou com o campo do conhecimento da área de comunicação, trazendo enriquecimento para os saberes múltiplos nos estudos e práticas do jornalismo especializado e geral, indo desde os processo da busca online (técnicas de pesquisa online) a reflexões sobre a confecção das publicações impressas (manual, serigrafia), escrita dos textos, análise dos seus contextos de produção, circunstâncias e como eram suas redações, a estratégias de veiculação (transporte, exposição, monetização). Depois de cumpridas essas etapas, a curadoria dos conteúdos, elaboração das legendas e o gerenciamento de redes do perfil da página do projeto eram contempladas como atividade extensionista.

METODOLOGIA

As estratégias metodológicas adotadas focaram em reuniões periódicas semanais (inicialmente aconteceu em formato remoto e, posteriormente, em formato presencial) com a equipe executora para leitura e debate de textos da área (*Imprensa Gay no Brasil*, 2012, de Flávia Péret; *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*, 2022, de Renan Quinalha e o artigo *Travestis: visibilidade e performatividade de gênero no tempo*

farmacopornográfico, 2017, capítulo que compõe a tese de doutorado de Elias Ferreira Veras), pesquisa online de veículos LGBTQIA+ nacionais e estrangeiros representativos e seleção desses veículos para elaboração de perfis a serem publicados nas páginas de redes sociais do projeto, refletindo sobre qual capa ou página seria publicada ou como seria contada a história do periódico, sintetizada num texto que compunha a legenda do *post* do instagram, com supervisão e orientação do professor responsável; a realização de reuniões sistemáticas para avaliação das postagens e do desenvolvimento do projeto, bem como o diálogo com usuários das redes em questão, de modo a aprimorar continuamente o conteúdo.

EXPERIÊNCIA (ANÁLISES DESENVOLVIDAS)

Guiados pela orientação do coordenador do projeto, iniciamos nossas discussões firmando compromisso, primeiramente, com a descentralização desses conteúdos, criando um núcleo, no Agreste pernambucano, que se propõe a garimpar, principalmente nas várias páginas da internet, as publicações de cunho noticioso endereçadas para a comunidade LGBTQ+. Segundo, firmando compromisso com a pluralidade de nossas postagens. Tínhamos em vista dois desafios: o maior número de publicações direcionadas para homens gays, no Brasil e no mundo, e a numerosa produção norte-americana.

Partindo do reconhecimento que, no interior da sigla LGBTQIAP+, a letra G referente à identidade gay ocupa, histórica e assimetricamente, posição de maior destaque, pautando a mídias das mais diversas formas, desde questões sociológicas à saúde. O acesso a publicações direcionadas majoritariamente a este público, principalmente, oriundas do hemisfério norte da América, costumavam se revelar com mais frequência nas nossas investigações. Acreditamos que isso resulta de múltiplos fatores: desde a já citada assimetria histórica que atravessa as vivências LGBTQIAP+ à realidade do mercado “pink” em que parte deste segmento de imprensa, notadamente em sua faceta mais comercial ou profissional, se insere, cujo direcionamento de produtos e serviços reifica o homem gay como seu principal consumidor. Também é importante destacar que, nos Estados Unidos ao longo de décadas, o mercado de publicações LGBTQIAP+ contou com uma diversidade maior de títulos e formatos, por razões que vão desde o histórico de ativismo gay, lésbico, trans etc no país como ao próprio tamanho do mercado potencial de consumo em geral, além de uma rede

mais estruturada de arquivos, fundações e bibliotecas públicas que disponibilizam, ainda que mesmo muitas vezes apenas parcialmente, as publicações.

A partir daí, assumimos o compromisso de, sem ignorar esta realidade e não perder de vista que deve ser continuamente posta em perspectiva crítica, destacar nas postagens do projeto publicações que fossem brasileiras e da América Latina, direcionadas para mulheres lésbicas, pessoas transsexuais, que refletissem também a construção de representações étnico-raciais não-hegemônicas em suas páginas ou veículos, como era o caso de capas ou reportagens que traziam personagens como símbolos de beleza, mesmo que seus enquadramentos, vistos pelas lentes de hoje, exigissem maior reflexão e contextualização. Alguns títulos estão na tabela abaixo:

PAÍS	PUBLICAÇÃO
Brasil	Lampião da Esquina (1978-1981); ChanaComChana (década de 1980); Grupo Gay da Bahia (1981-2005); Sui Generis (1995-2000); G Magazine (1997-2013); Junior (2007-2015)
Argentina	Somos (1973-1976); Vamos a Andar (1986-1992); SOY (2008-);
México	41 soñar fantasmas (década de 1990); Del Otro Lado (1992-?)
Colômbia	Ventana Gay (1980-1984)
Bolívia	Ego (2015-)
Estados Unidos da América	One (1953-1967); The Ladder (1956-1972); The Washington Blade (1969-); Hot Wire (1984-1994); Outweek (1989-1991); TransSisters (1994-1995); POZ (1994-)
Canadá	The Body Politic (1971-1987); Gendertrash from Hell (1993-1995); Bipan (2020-)

PAÍS	PUBLICAÇÃO
Japão	Barazoku (1971-2008); Samson (1982-)
França	Le Gai Pied (1979-1992); Gai Pied Hebdo (1982-1992)
Austrália	Butch Is Not a Dirty World (2017-)
Espanha	Gay Hotsa (1977-1997); Party (1977-1984?)
Reino Unido	Come Together (década de 1970); BCN (1995-)
Itália	Fuori! (1971-1982)

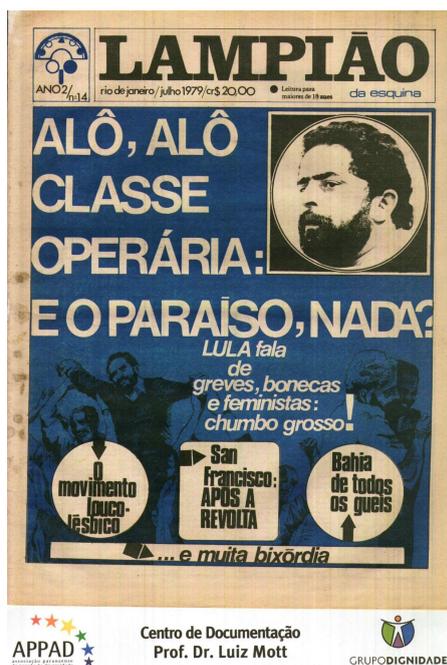
O surgimento da imprensa alternativa (KUCINSKI, 1991) está relacionado, quase sempre, com momentos de ameaças à democracia e aos direitos individuais. No Brasil, o cenário foi o seguinte: com a insurgência da ditadura militar em 1964, movimentos sociais diversos convergiram assumindo o compromisso de funcionar como resistência contra o sistema compulsoriamente posto. Dois tipos de imprensa alternativa se consolidaram (LIMA, 2001) no Brasil.

Alguns eram predominantemente políticos, baseados, grosso modo, nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 50 e no marxismo vulgarizado nos meios estudantis dos anos 60. Uma outra classe de jornais foi criada por jornalistas que rejeitavam a primazia do discurso ideológico-militar. Estavam mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural (p. 1).

Dentre os cerca de 150 periódicos (LIMA, 2001) que circularam no Brasil entre 1964 e anos 1980, principalmente no eixo Rio-São Paulo, tivemos acesso a algumas edições de jornais históricos para LGBTQIA+s brasileiros, como o *Lampião da Esquina*, o *Chana com Chana* e o boletim do Grupo Gay da Bahia. Nos anos 1990, *Sui Generis* destacava-se pela proposta de conciliar uma cobertura de cultura, comportamento, política, moda e vida noturna com reportagens extensas e notícias endereçadas a (principalmente) gays e lésbicas, com diagramação e impressão que não ficavam a dever em qualidade quando comparadas às da imprensa tradicional. Sua contemporânea *G Magazine*, mesclando informação e ensaios de nu masculino que a fizeram conhecida para além da própria comunidade LGBTQIAP+, também foi retratada. Em anos mais recentes, *Junior*, ligada ao grupo MixBrasil, chamou a

atenção pela periodicidade e busca de reviver um mercado que parecia ter pouca atratividade comercial e editorial, com a quase ausência de revistas informativas/comportamentais endereçadas ao segmento não-heterossexual em bancas de revista do país.

Lampião da Esquina



Em circulação no Brasil por três anos, de 1978 a 1981, nasce no período de abertura política dos anos 1970, onde a censura aos meios de comunicação começa lentamente a ser abrandada (mas não extinta), e publica 35 edições impressas. Aborda os mais diversos assuntos: guia turístico de pontos gay na cidade do Rio de Janeiro, análises sobre abordo, machismo e questões relacionadas à política vigente. Em destaque a capa da edição de número 14⁵, de julho de 1979, que recebeu o seguinte texto na postagem do projeto:

Em 1979, o Brasil era sacudido por acontecimentos que marcariam para sempre a sua história. As greves operárias no ABC paulista foram fundamentais para a abertura política e o começo do fim da ditadura civil-militar, que se encerraria apenas na década seguinte. Principal veículo da imprensa “entendida” brasileira e importante nome da imprensa alternativa da época, o Lampião da Esquina não se absteve dos fatos. Uma equipe do jornal passou cinco dias em São Bernardo do

⁵ Disponível em:

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/18-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-14-JULHO-1979.pdf>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

Campo, acompanhando os desdobramentos e conversando com os sindicalistas, não apenas sobre suas reivindicações, mas também a respeito de sexo e do prazer. Em entrevista hoje considerada histórica, o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista, Luiz Inácio Lula da Silva, enfatizava a prioridade dos trabalhadores na questão da luta de classes, sobrepondo-se às pautas concebidas como minoritárias.

Na edição zero, o *Lampião da Esquina* surge com o objetivo de retificar os posicionamentos postos pela sociedade da homossexualidade e do homossexual, corroborando com uma nova imagem diferente da já fixada no imaginário coletivo (Ferreira, 2010). “O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição” (Lampião, abril de 1978)⁶.

Gendertrash from Hell



Como dito anteriormente, a dificuldade em encontrar publicações direcionadas para a sigla T (transsexuais e travestis) foi um desafio. A *Gendertrash from Hell* (1993-1995) foi idealizada e produzida por Mirha-Soleil Ross e Xanthra Phillipa MacKay, em Toronto no Canadá. Na primeira edição, o fanzine declarava sua missão:

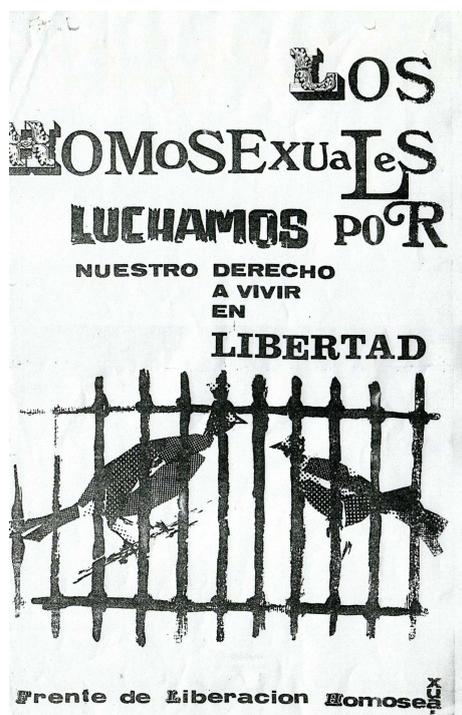
⁶ Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

Gendertrash is devoted to the issues & concerns of transsexuals. Gendertrash also welcomes input from gender positive genetics. In addition to issues of gender hate & oppression, Gendertrash is equally opposed to any other forms of systematic oppression by those who are in positions of power.⁷

Gendertrash é dedicado aos problemas e preocupações dos transexuais. o Gendertrash também aceita contribuições da genética de gênero afirmativo. Além das questões de ódio e opressão ao gênero, o Gendertrash é igualmente oposto a quaisquer outras formas de opressão sistemática por parte daqueles que ocupam posições de poder. (Tradução nossa)

Em suas páginas, é possível encontrar coleção de artigos sobre ativismo trans, poesia, entrevistas e artes visuais com curadoria de Ross e MacKay. Em destaque, a capa da terceira edição de 1995, no total, foram 4 publicações. O seu formato pequeno e de baixo custo, logo, de fácil transporte, não era por acaso: o objetivo era circular sem ser notado, fazendo com que as informações e as movimentações artísticas fossem passadas de mão em mão até que, finalmente, se desintegrarem. “Elas queriam criar um espaço físico portátil onde dicas de segurança, escrita criativa carregada de emoção e explorações de identidade pudessem coexistir” (Magazine, 2021).⁸

SOMOS



⁷ Disponível em: <https://www.digitaltransgenderarchive.net/col/d21/qp/51>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

⁸ Disponível em: <https://yiamagazine.com/Queer-Archival-Utopias-Gender-Trash-From-Hell-Renata-Critton-Papp>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

Assim como no Brasil, no caso do *Lampião da Esquina*, a revista SOMOS (1973-1976) foi gestada nos anos do regime militar argentino. A Frente de Liberação Homossexual (FLH) publicou 8 edições da revista. Sete delas foram distribuídas trimestralmente contendo 50 páginas (Insausti, 2019) e a partir da sétima edição, SOMOS passou a ser publicada como boletim informativo distribuído mensalmente. A repressão imposta pelo regime militar exigia que sua veiculação acontecesse de maneira clandestina, sem conter assinatura nos artigos. Em suas páginas, o mix entre textos de cunho político, questionadores das dinâmicas sociais ditas tradicionais, de caráter didática, visando explicar os não motivos que tornariam uma pessoa homossexual, bem como dando instruções de defesa para membros da comunidade LGBTQ+ em caso de abordagem policial e ilustrações de autoria desconhecida.

La revista Somos es, en este nuevo contexto, una publicación de resistencia, melancólica y desilusionada, que empieza a ser consciente de la derrota. Si el boletín Nuestro Mundo era un compendio de notas recortadas de la prensa masiva que intentaba discutir la criminalización de la homosexualidad, y el periódico Homosexuales era una misiva dirigida al resto de las organizaciones del campo popular, Somos estaba dirigida a los propios homosexuales con un criterio autodefensivo. Así, las notas enseñaban cómo reaccionar en caso de ser detenidos, informaban a los homosexuales sobre sus derechos e incluían una recopilación de las notas publicadas en la prensa sobre detenciones y razias. Al mismo tiempo, en Somos, el FLH se repliega y se dedica a trabajar en la construcción de una identidad común y de una comunidad política. (Insausti, 2019. p. 11)

A revista Somos é, neste novo contexto, uma publicação de resistência, melancólica e desiludida, que começa a tomar consciência da derrota. Se o boletim Nuestro Mundo era um compêndio de artigos recortados da grande imprensa que tentavam discutir a criminalização da homossexualidade, e o jornal Homossexuais era uma carta dirigida às demais organizações do campo popular, o Somos era dirigido aos próprios homossexuais com um critério de legítima defesa. Assim, as notas ensinavam como reagir em caso de prisão, informavam os homossexuais sobre seus direitos e incluían uma compilação das notas publicadas na imprensa sobre prisões e batidas. Ao mesmo tempo, em Somos, a FLH se retrai e se dedica a trabalhar na construção de uma identidade comum e de uma comunidade política. (Tradução nossa)

Em postagem feita em nossa página do Instagram⁹, falamos sobre a última edição da revista publicada em janeiro de 1976¹⁰. Na edição, a revista brada: “Nós, homossexuais, lutamos por nosso direito de viver em liberdade.” Na postagem, lembramos da necessária contribuição da revista *SOMOS* para criação outras revistas e periódicos na América Latina

The Ladder



A *The Ladder*¹¹ (1956-1972) foi um periódico da primeira organização lésbica dos Estados Unidos, *Daughters of Bilitis (DOB)*. Distribuída nacionalmente entre 1956 a 1970, posteriormente, uma vez a cada dois meses em 1971 e 1972. Teve 700 assinantes em seu auge e também foi a primeira publicação lésbica a circular no país norte americano. O assimilacionismo, busca por integração entre diferentes etnias a fim de evitar futuros conflitos, era algo pregado pelos diretores da revista, na esperança de que os heterossexuais vissem que as lésbicas não eram drasticamente diferentes deles mesmos (Esterberg, 1994). Tanto a DOB quanto sua publicação abriram precedente para inúmeras outras organizações

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CdEqx_zJcWq/. Acesso em 14 de agosto de 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2016/06/1976-01-FLH-SOMOS-8.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

¹¹ Disponível em: <https://documents.alexanderstreet.com/c/1003264003>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

de mulheres lésbicas e bissexuais (Theophano, 2004). No comando do periódico, o casal sáfico Phyllis Lyon e Del Martin.

Under their leadership, the group had a relatively conservative focus. For instance, under their direction the Ladder shied away from overtly political or militant material, publishing instead fiction, poetry, personal essays, research reports, and psychologists' writings on homosexuality. To an extent, it advised conformity to the straight mainstream. It discouraged women from cross-dressing or embracing butchfemme identities--or any other activity that would make them too visibly different. (Theophano, 2004, p. 1)

Sob sua liderança, o grupo tinha um foco relativamente conservador. Por exemplo, sob sua direção, a Ladder evitou material abertamente político ou militante, publicando, em vez disso, ficção, poesia, ensaios pessoais, relatórios de pesquisa e escritos de psicólogos sobre homossexualidade. Até certo ponto, aconselhou a conformidade com o mainstream hetero. Isso desencorajava as mulheres de se travestir ou abraçar identidades *butchfemme* - ou qualquer outra atividade que as tornasse visivelmente diferentes. (Tradução nossa)

As inconsistências discursivas facilmente observadas hoje no posicionamento adotado pelas diretoras do *The Ladder*, exige que, inicialmente, levemos em consideração o seu contexto e temporalidade. Elaborar um periódico sobre uma temática tão complexa sem nenhuma referência anterior, baseando-se no conhecimento empírico, sem apoio governamental, sem o respaldo da medicina ou da sociedade civil é um grande desafio. Em contrapartida, uma das funções da memória é servir como mapa dos caminhos já explorados. Assim como no caso das demais publicações que servem como guia e exemplo, a *The Ladder* nos lembra da necessidade de estarmos atentos à maneira como comunicamos e em consequência, representamos midiaticamente os diversos sujeitos e grupos LGBTQIAP+.

CONCLUSÃO

O projeto foi concluído com uma avaliação qualitativa positiva da equipe, notadamente quando se materializou numa palestra presencial intitulada: *Imprensa LGBTQIAP+: imagens, memória e resistência*¹², e em exposição de algumas postagens realizadas pela equipe em corredores do campus. Ao final do projeto, a página contava com 50 publicações, todas de acesso público para consulta e compartilhamento. Também entendemos que os eventos previstos ou adaptados na reta final tiveram repercussão no fortalecimento de uma programação a ser retomada pós-pandemia, de atividades acadêmicas,

¹² Palestra realizada no auditório Luiz Gonzaga, no Centro Acadêmico do Agreste, campus Caruaru da UFPE, no dia 26 de abril de 2023.

científicas ou culturais realizadas presencialmente. Outra dimensão que ressaltamos, não enfatizada originalmente com o peso devido, era o caráter formador da atividade para os membros participantes, quando o processo de produção dos conteúdos articulou-se com leituras críticas sobre a imprensa LGBTQIAP+, as questões de gênero e sexualidades mais amplamente e sobre uma reflexão sobre as representações e discursos produzidos naquelas publicações. Ao chegar ao final, discutiu-se a ideia da equipe, mesmo sem o vínculo oficial com o projeto extensivo, manter a página atualizada com novas postagens, sob moderação do professor-orientador.

REFERÊNCIAS

DEGLINOMINI, Liziani de Souza. **O uso da memória como meio de preservação da história e da cultura social**. Monografia de especialização (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, p. 32. 2014.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender: essays on theory, film and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

FEITOSA, R. A. de S. “Sui Generis” Journalism? Visibility, Identities and Journalistic Practices in a 1990s Brazilian Gay Magazine. *Brazilian journalism research*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 76–101, 2018. DOI: 10.25200/BJR.v14n1.2018.1046. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1046>. Acesso em: 21 fev. 2022.

FERREIRA, C. Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Alterjor*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195>. Acesso em: 12 ago. 2023.

INSAUSTI, Santiago Joaquin. “Una historia del Frente de Liberación Homosexual y la izquierda en Argentina”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e554280, 2019.

KUCINSKI, Bernardo (1991). **Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira**. São Paulo: Escrita Editorial.

LAMPIÃO da Esquina, Rio de Janeiro, nº 0, edição experimental, abril de 1978.

LIMA, Marcus Antônio Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2001. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPRESA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>. Acesso em: 06 ago. de 2023.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011.

STREITMATTER, Rodger. **Unspeakable**: the rise of the gay and lesbian press in America. Winchester: Faber and Faber, 1995.

Esterberg, Kristen. **From Accommodation to Liberation**: A Social Movement Analysis of Lesbians in the Homophile Movement. 1994.